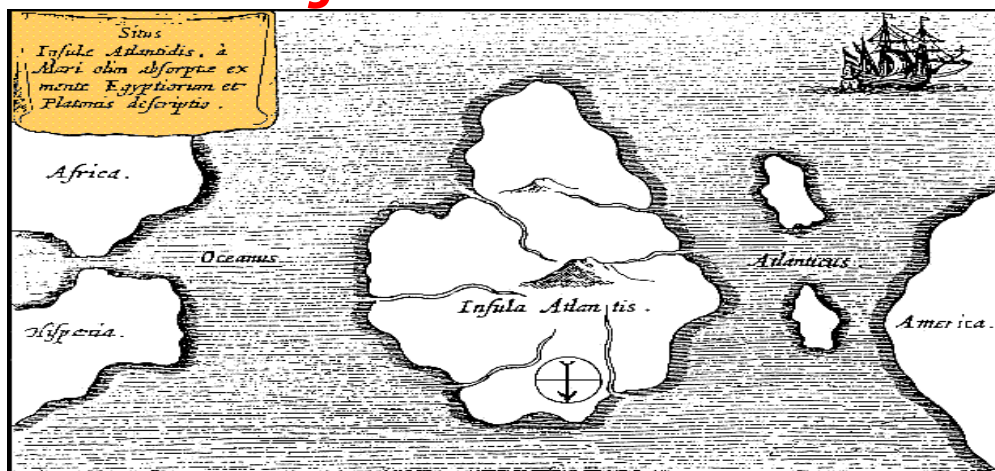


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº # 29 - EDIÇÃO setembro 2015

DEDICADO A BRITES ARAÚJO

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © Chrys Chrystello 2014

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

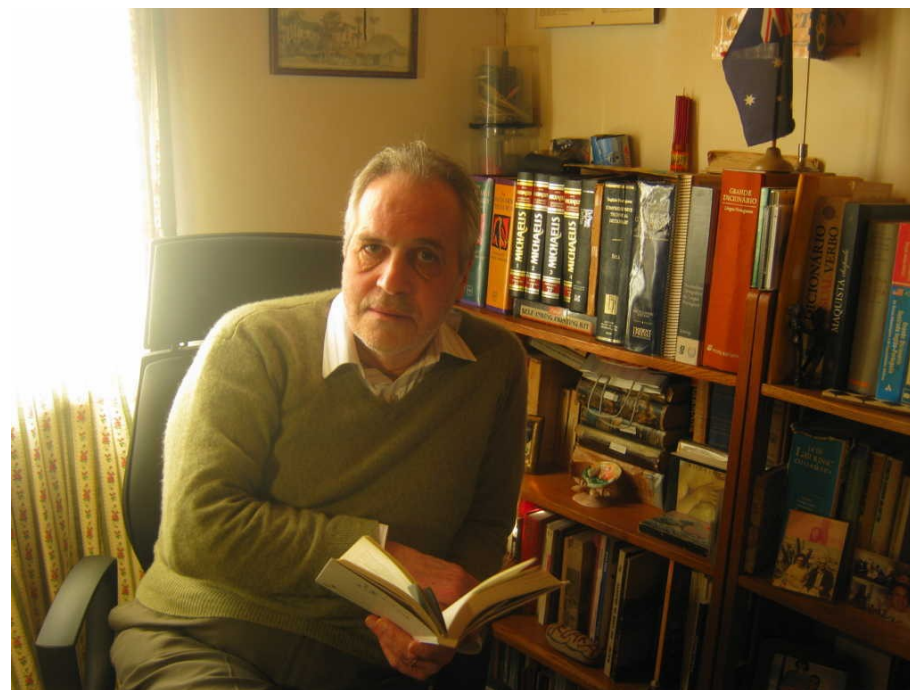
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

**COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
- revisto em outubro de 18**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR,

CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve "AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)"**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Em janeiro 2010, brotaram estes despretensiosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...“*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

— *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “**CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nos **CADERNOS** já se publicaram autores contemporâneos presentes ou homenageados nos colóquios além de nomes incontornáveis:

1. Cristóvão de Aguiar,
2. Daniel de Sá,
3. Dias de Melo,
4. Vasco Pereira da Costa,
5. Álamo de Oliveira,

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

6. Caetano Valadão Serpa,
7. Fernando Aires,
8. Mário Machado Fraião,
9. Emanuel Félix,
10. Eduardo Bettencourt Pinto,
11. Urbano Bettencourt,
12. Eduíno de Jesus,
13. Onésimo T. Almeida,
14. Maria de Fátima Borges,
15. Marcolino Candeias,
16. Norberto Ávila,
17. Victor Rui Soares,
18. José Martins Garcia,
19. CANCELADO
20. Joana Félix,
21. José Nuno da Câmara Pereira,
22. Manuel Policarpo (Vasco Pereira da Costa),
23. Maria das Dores Beirão
24. Tomaz Borba Vieira,
25. Maria Luísa Soares
26. Susana Teles Margarido
27. Madalena San-Bento
28. Carlos Tomé

29.e hoje damos voz a BRITES ARAÚJO

BRITES ARAÚJO, ESCRITORA AÇORIANA

Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micaelense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas.

Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.

Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena antologia de poetas açorianos. Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores.

Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido.

Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.



Bibliografia

1. Araújo. Brites. (1978). *Chamas na noite*, poesia. Impraçor
2. Araújo. Brites. (1979). *Nós palavras*, com Eduardo Bettencourt Pinto, Emanuel Jorge Botelho, Jorge Arrimar, J Tavares de Melo, Luís Xares, Sidónio Bettencourt. Tipografia Gráfica Açoriana
3. Araújo. Brites. (2014) in *Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras*. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia.
4. Araújo. Brites. (2015). "O traço insular em Cecília Meireles". 24º *Colóquio da Lusofonia*. Santa Cruz da Graciosa. Açores
5. Araújo. Brites. (2016). "Influência das migrações na literatura e no léxico açorianos". 25º *Colóquio da Lusofonia*. Montalegre
6. Araújo. Brites. (2016). "O Livreiro de Santiago. O corvino Carlos George Nascimento". 26º *Colóquio da Lusofonia*. Lomba da Maia. Açores
7. Araújo. Brites. (2017). "Alguns aspetos da ironia na construção de *Santo Amaro Sobre o Mar*, de Urbano Bettencourt" 27º *colóquio da lusofonia*, Belmonte



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014

1. CRÓNICA ESQUECIDA

Agora, que os anos se cansaram do aturado trabalho de esculpir na minhas mãos o relevo dos muitos caminhos que trilhei e que os meus olhos já não veem à luz deste tempo, sinto que é chegado o momento de vos deixar registo de estranho episódio que ocorreu no longínquo oeste irlandês, há mais de meio século, quando eu era um jovem cronista cioso da reputação e do rigor narrativo herdados de duas gerações de homens sérios e pouco dados a devaneios.

Sempre me pareceu que devia à memória de meu avô e de meu pai o pudor necessário para não me deixar levar em excessos imaginativos que pudessem, de alguma forma, turvar a objetividade com que o mundo e as coisas deviam ser contados. Hoje, porém, adivinho uma outra dimensão que me terá escapado, algo que se esconde por detrás da história que não contei e que poderá redimir-me, enviando-me para distâncias de que não tenho memória, para um tempo qualquer anterior a mim, onde o mundo é uma imensa ilha de acácias e amendoeiras, onde não há palavras e os mistérios da vida e das coisas são próximos e transparentes como o ar.

Desse tempo, ou desse mundo, pressinto já um pulsar no sangue que ainda me corre nas veias, um cheiro ou um sabor adivinhados na escuridão a que os meus olhos sabiamente me votaram. Que a eles, agora vazios da concretude que aleija e cega, devo o dom com que os deuses generosamente quiseram redimir toda uma vida: a capacidade de crer. De crer profundamente, para além da geografia das coisas e dos seres racional e verbalmente desenhados, numa espécie de recetividade incondicional ao que do mundo se postula na esfera do primordial, do aureolar.

Já nada guardo daquela humanidade a que o vigor do corpo e do gesto dão forma. A ruína indecorosa deste invólucro que me trouxe igual entre iguais repugna à credibilidade concedida sob a luz deste sol. À velhice, sorri-se apenas, salvaguardada a complacência que em nada abona o respeito mil vezes reclamado e sempre, por força, remetido para o plano da inautenticidade.

Sandices serão, então, as minhas palavras. Por isso, a esta minha história, não espero que a crediteis mais do que apenas a recetividade de alma e a pureza de coração são capazes. Contá-la-ei. A vós caberá decidir o que fareis com ela:

Nas faldas das montanhas de Connemara, para lá do cinzento dos campos mutilados pela extração da turfa, alarga-se um pequeno bosque perfumado de cedros e pinheiros. Ao fundo, quando o terreno começa suavemente a subir para a montanha, ergue-se St. Brigid Abbey, inquietante exemplar da arquitetura quatrocentista, cuja imponência extrapassa a sobriedade das suas pedras seculares.

Da alameda de plátanos que serpenteia até ao pórtico, o viajante assiste, lentamente, ao surgimento da torre da ala principal, de onde parece emanar uma

vibração luminosa, um sopro que chega até nós no ar virginalmente puro e que inquieta os sentidos, como se a todo o momento fossemos assistir à própria essência do inesperado.

Quando as últimas árvores já não escondem a totalidade do edifício e a alameda se abre num amplo espaço cuidadosamente tratado, a abadia aparece em toda a sua portentosa nudez e o viandante percebe, num misto de horror e espanto, a cicatriz indelével que lhe cobre toda a ala direita: negra, retorcida contra o chumbo do céu, é marca trágica de ferida mortal.

Outrora Three Spires Garden, pertença de senhor da velha estirpe gaélica, o edifício foi sucessivamente servindo e acompanhando os desígnios dos seus proprietários, também eles atingidos pela dureza de tempos marcados pelas grandes fomes e pela repressão inglesa. Terá, finalmente, à semelhança de muitos outros espalhados por toda a Irlanda, sucumbido ao fogo desenfreado de Cromwell, de onde lhe vem a brutal cicatriz.

Completamente reduzido a cinzas, foi, durante séculos, pasto de mato e das agruras de muitos invernos, até que, parcialmente recuperado, não sei precisar quando, nem como, as Carmelitas ali se instalaram. Mãos laboriosas e virginais ter-lhe-ão, pacientemente, tratado das feridas, até lhe restituírem parte da sua antiga dignidade.

Desse trabalho aturado, em anos e anos e noites de vigília, resultaram o asseio milimétrico do espaço que circunda a abadia, bem como a milagrosa recuperação do prodigioso quadro que constitui, de parceria com a deliciosa doçaria do convento, o principal chamariz de quantos ali se deslocam, em atitude de autêntica peregrinação.

O jejum e a oração parecem ter produzido nas freiras de St. Brigid o condão de confeccionarem delicados doces à base de mel, que, ao longo dos tempos, foram envolvendo a abadia numa aura mística à qual é impossível escapar, pois diz-se que, não havendo colmeias à volta, nem sendo o generoso néctar importado, o mistério da sua abundância em St. Brigid é obra do divino.

Os meus escrúpulos de cronista sempre relegaram para o âmbito da retórica narrativa a crença de afamada contista, segundo a qual a génese de qualquer história se perfila num plano místico, fora da história em si. Mas chegado à parte mais interessante deste meu registo, rendo-me à evidência de que a sua virtude, a existir, residirá no facto de, conjuntamente com os doces, o quadro de que vos dei conta ter, para as gentes da Irlanda, um valor quase religioso, onde se misturam sentimentos identitários e de reafirmação de Fé.

Obra de autor anónimo, cuja qualidade artística se perde na obscuridade de um país silenciado pela repressão, a tela retrata uma criança que o povo crê ter sucumbido ao incêndio de Three Spires Garden, vítima da tirania de Cromwell, imolada por esse ódio a que só resiste o que reside na alma de um povo. E assim, a Irlanda acredita que aquele

quadro que sobreviveu ao fogo e ao ódio, ao tempo e à intempérie, recuperado por mão santas e convivendo tão de perto com o milagre do mel, é, também ele, manifestação do divino e metáfora de um país.

Mas eu, percebendo embora a simbologia da tela e as pertinentes razões dos irlandeses, não devo alhear-me dos meus propósitos de narrar a minha visita a St. Brigid e o episódio a ela ligado. Ao entrar o pórtico, mal refeito da inquietação que me perturbara ao longo de todo o percurso até à abadia, senti que a vibração luminosa que emanava do edifício se acentuava à medida que penetrava no seu interior. Ao longo do amplo corredor que leva ao anexo onde as irmãs vendem os doces conventuais e proporcionam ao visitante a prova dos mesmos, fui-me deixando invadir por aquele silêncio original, todo feito da doçura do mel, temperado de uma luminosidade diáfana que enleia a alma e a eleva à santidade daqueles vultos leves e desprendidos das coisas deste mundo. O abandono é total, e a vontade de aderir àquele limbo torna-se algo com dimensão física; todo o corpo se rende, magnetizado, subitamente esvaziado da sua consistência, como se também ele fosse a leveza da luz e dos vultos.

Por um momento, terei sacudido a dormência enfeitiçada em que o ambiente de St. Brigid me envolvia e terei abordado a questão da origem do mel.

- O mel é o nosso maná. Deus no-lo dá – ter-me-á respondido a irmã que acompanhava a nossa visita.

De novo me deixei envolver, escorregar para aquele espaço entre céu e terra, onde nada parece impossível e o coração mais ímpio se abre à complexa simplicidade da Fé. A recetividade da alma não tem limites dentro daqueles claustros luminosos e nem as palavras mais extraordinárias parecem constituir motivo de estranheza.

Assim perdido de mim, me deixei conduzir à ala onde se encontra o famoso quadro, também ela inundada de uma luz difusa, adocicada e eternamente silenciosa. Na parede ao fundo, imediatamente fronteira à porta, está a tela. Terá cerca de dois metros de altura e do seu fundo escuro sobressai um corpo de menina, cujos cabelos, ondulados e ruivos, enfeitam uma tez de um alabastro lunar. As mãos delicadas e alvas seguram, abandonadas à frente, um cesto repleto de flores. Sorri, um sorriso angelical, indefinido.

Não sei o que me impressionou no quadro: se o alabastro da menina a elevar-se do negrume angustioso do fundo, transcendendo como uma auréola o espaço físico onde a tela se encontra, se o imenso poder de objeto de culto que parecia exercer sobre os meus companheiros de romaria. Recolhidos, silenciosos, cheios dessa dupla solenidade que parece acompanhar o ato religioso de matiz nacional, pairavam, também eles, como se os seus corpos tivessem, ao entrar ali, sido libertados das leis da física. Olharam para o quadro por uma vez e quedaram-se, cabisbaixos, venerando. Saíram depois, na mesma atitude recolhida e silenciosa.

Eu fiquei, por algum tempo mais, estonteado e vário. Agradado de uma comoção tão doce, impelido pela estranha urgência de me impregnar da luz e do mel de St. Brigid, mas assustado de desconhecido e de místico, não resisti à vontade de tocar o quadro. Senti-lo, objetivo e palpável, tela e tinta, parte das coisas deste mundo, seria, talvez, uma forma de voltar a mim, racional e uno.

Aproximei-me lentamente da tela. A minha objetividade, herdada e ciosamente mantida como património familiar, fora irremediavelmente tocada pela sedução do mistério, do transcendente, do iniciático. Despir-me da minha experiência de St. Brigid apresentava-se-me não só doloroso, como, receava, quase impossível. A receptividade a que a minha alma se abria desde que entrara na abadia como que me completava, despertando-me para uma dimensão do belo até aí desconhecida. Pressentia agora todo um potencial no mundo e nas coisas à minha volta a que só acederia através da minha adesão voluntária e consciente a este outro pulsar, a esta outra dimensão do real...

Muito próximo da tela, estendi o braço, para a tocar. Subitamente, percebi que não o queria fazer. Voltei-me e caminhei decidido para a porta. Antes de sair, por uma vez, olhei para trás. Na luz difusa e doce da sala, a menina irlandesa irradiava do fundo negro do quadro. Sorria para mim. Atordoado e comovido, juraria ter percebido que um líquido viscoso, de um âmbar transparente, escorria do cesto onde a menina traz as flores.

(2005)



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014





21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014

2. De natais à beira-mar

Diz-se que numa dada altura o Tempo nos torna mais sábios. Não sei quando isso acontece: se quando nos percebemos cedendo ao que inevitável existe na jornada, se quando, olhando para trás, conseguimos ver o momento em que deixámos o casulo da nossa ilusória imortalidade. Também não sei, e ficam-me dúvidas, em que medida a dita sabedoria participa nisto. Sei que, independentemente das dúvidas, a esta distância, me reconciliei com o rasto das horas na minha existência. Mesmo com o das mais amargas. Talvez por isso, quando o Natal se anuncia e a nostalgia do que fui na infância ameaça pôr-me chuva nos vidros, dou comigo a regressar, quase náufraga, aos versos de David Mourão Ferreira, que entoo mentalmente, como ladainha ou rosário: “Vem tu, Poesia, vem, agora conduzir-me // à beira do cais onde Jesus nascia”. (...)

São tão certos os meus mortos, tão presente a sua ausência, que por vezes a consciência da dor do amputado me atinge como vendaval inesperado. Mas existe essa coisa assombrosa que vem do início de tudo e que se estende como um manto sobre os anos que vão passando, essa coisa onde trazemos, suspensos, todos aqueles que amamos

e de quem tivemos de nos despedir, tudo o que fomos e nos trouxe até aqui, e que é agora, para mim, uma espécie de agasalho, um conforto, um lugar agridoce, entre a tristeza e a ternura, onde me reconheço e também existo. Há quem lhe chame saudade; eu gosto de lhe chamar memória. E às vezes poesia.

Nela me abrigo e dela me socorro, de novo e sempre, para viajar de regresso a mim. E agora que me pedem que recorde e dê testemunho dos natais da minha infância, para ela me volto, esperando na sua generosidade e no aconchego do seu regaço.

O que melhor guardo desses natais mais distantes é a intuição do mundo em suspenso, a experiência de uma magia que, confusa e deliciosamente, era e não era a dos contos escutados ao serão, ou nas tardes de irrequieta invernia. Era a luz em estado de graça que irradiava de tudo – da árvore, das loiças, das vidraças, do céu noturno, dos olhos e até de nós, de mim e dos meus irmãos, subitamente aquietados em tréguas e num amor fraternal que, nesse tempo, e tal como o mundo em suspenso, entravam diretamente no reino da ficção.

Mas havia a outra parte, a da magia palpável e ao alcance dos sentidos: os perfumes da criptoméria e das tangerinas inundando a casa, o odor quente dos bolos onde as especiarias cresciam e transbordavam no forno, o branco dos linhos onde resplandeciam as fruteiras, o veludo do musgo que íamos, sob o olhar atento do pai e encasacados até aos olhos, arrancar aos troncos e ao chão da Mata da Doca e que havia de ser, depois, montes e vales e árvores no presépio. Havia também o cheiro forte da cola Peligon com que, ao longo das semanas que antecediavam a noite mágica, íamos recuperando casinhas, moinhos, cabeças de pastores e trouxas de lavadeiras, que as perdiam a cada Natal, na caminhada até à gruta onde nascia o Menino.

Chegam ainda, e sempre, os ecos do Dia das Montras, desses muitos dias 8 de dezembro em que amanhecíamos cordeiros, mansos e nervosos, esforçados em exercícios de argumentação capazes de convencer os pais a perdoarem as muitas diabruras do ano e a olharem benevolmente para os escassos feitos merecedores de recompensa: disso dependia o *ámen* à escolha dos brinquedos expostos nas montras da cidade e a sua inclusão, ou não, na carta ao Menino Jesus.

E vinha a noite mágica, a noite de todos os desassossegos e de todos os sobressaltos, a Consoada, a que se juntavam primos que eram irmãos, os tios e, às vezes, em alguns anos, a avó. A minha querida avó... (E sorrio no momento em que escrevo isto, ao ver ainda o seu jeito de andar, naquele passinho curto e saltitante, o seu humor, o seu rosto de pó d'arroz, onde os lábios impreterivelmente pintados aparavam a ternura que não lhe cabia nos olhos. Hoje é um daqueles anjos da guarda em que gosto de acreditar, se acaso o mar se põe tempestuoso e me sinto a naufragar).

Nessas noites, longas e quase insones, o desassossego e a impaciência cresciam ao ritmo da conversa dos adultos, que ia empurrando a hora em que recebíamos autorização para colocar os sapatinhos à volta do presépio e ordem de marcha para a cama. Empanturrados em doces e bolos, irrequietos, refreando zangas e deixando contas para ajustar depois do Natal, não fosse o Menino Jesus encurtar o rol dos brinquedos, acomodávamo-nos em cochichos debaixo dos cobertores, suspensos de todos os sons, atentos ao silêncio da madrugada e aos primeiros sinais do sol. Supostamente, acabávamos por adormecer, pois lembro-me de serem os pais que nos acordavam, em grandes espantos, para que acorrêssemos a ver o que o Menino nos deixara nos sapatinhos.

E era de novo a magia e a luz em tudo, de novo aquela alegria agora irrecuperável, a sensação de estar a viver fora do mundo de todos os dias e o desejo imenso e vagamente angustiado, aumentado no decorrer do dia, de que não houvesse aquela eternidade toda entre mim e o Natal seguinte.

Depois... Depois veio aquele Natal em que minha mãe ficou, tão cedo, suspensa no manto do Tempo. Desse não gosto e não quero falar. Está lá, no lugar onde guardo tudo o que possa, de algum modo, turvar ou injustiçar todos os momentos felizes e todos os natais mágicos que passei com ela. E se, por uma daquelas partidas que o ânimo às vezes nos prega, a memória desse dia terrível ameaça sobrepor-se à dos outros, volto à minha ladainha ou ao meu rosário: “Vem tu, Poesia, vem, agora conduzir-me // à beira do cais onde Jesus nascia.”...

Um feliz e sereno Natal para todos. E que a Poesia possa estar sempre connosco.

Dezembro de 2014



3. Amor-Perfeito

*Longe, nas águas insondáveis do teu olhar,
Repousa o silêncio sagrado dos limites.
Daqui te reaprendo, no pulsar do verbo,
na distância percorrida pelo que de nós
em nós resta intacto e inviolável.*

*Longe, nas águas insondáveis do teu olhar,
amor tem a textura dos tempos imperfeitos.*

2001

* * *

4. Minha Ítaca

*Levíssima transparência,
azul de água ao dobrar dos sentidos.*

*Serena e súbita certeza
de um porto de origem.*

*Saudade
Suspensa na memória.*

2001

* * *

5. Em março

*Em março, esvoaçam sempre os pássaros da nostalgia
E, na sua inquietação de véu em vento manso,
Voltam as estremecer as planícies alvas da memória.*



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



*Ao voo, o eco da infância docilmente ofereço ainda,
Mas as mãos, Mãe, as minhas mãos,
Já não sabem que ninho dar-lhes
Se onde as palavras ardem um sopro súbito
Me quebranta.*

*Longe foram os deuses deixar o mar sem mácula,
E os olhos lisos como asas ou estrelas,
Ao fundo da velha cisterna os confinaram.*

*Às vezes, ouço o som da água sobre os limos
Brevemente devolve-mos quase inteiros, quase intactos,
Mas às névoas, só, deram os deuses voz.
A mim, o silêncio persistente que dá para donde vim.*

Março de 2015



POEMAS SOLTOS

6.

Em todo o caso,
havia uma janela aberta sobre o mar,
e um compasso de horas
lento, impenetrável,
impregnado da opaca densidade
dos relógios.

Ou era a só a cidade
que urdia equívocos
no sarro dos dias?

Em verdade,
o tempo pertence às aves
que demandam os grandes continente a sul
e povoam os silêncios imensos
da memória.
Que é onde nos existimos.
Por inteiro.

7.

Hoje acordei procurando barcos no mar.
Um espasmo dos sentidos, um alarme de ilha
e a finitude tangível destes horizontes basálticos.

Num pulsar d' água,
surpreendo-me esperando em Avalon,
a das róseas névoas, a da magia primordial.

Mas que rei, que espada, que feiticeira
ou que ilha me aguardarão?

Ah, a inquietude que se aquieta nesta inquietação...

Ah, esta impercetível lucidez matinal,
este cansaço anterior a tudo,
que me acorda com barcos de partir e de voltar.

In revista NEO

8.

Na lâmina noturna do orvalho,
a insónia acende reflexos impossíveis.
De silêncio, só, e água é o mundo.
Leveza, ar ou evanescência,
a Abelha colhe do céu a flor do mel.

Por um brevíssimo instante o mistério se desnuda:
cinco pétalas tem a Rosa; eu apenas toco uma.





9.

O meu braço de abeto
é sempre um perfume de criptoméria
temperado de tangerinas.
E o amparo da minha mãe.
Mas são tantas e tão translúcidas
as vidraças da memória,
que me chegam ainda os sons reluzentes,
os cheiros adocicados,
o calor
e o branco dos linhos
na casa da minha avó.

Natal
é eu ter a nostalgia comigo à mesa;
angústia tão leve
e tão fina
como dedos de carinho impossível.



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



10.

Escoa-se a ilha
no peito aquático das lagoas
e os olhos
são esta fundura de tempo
que as águas arrastam
para a raiz do mundo.



21º COLÓQUIO MOINHOS 2014





21º COLÓQUIO MOINHOS 2014



11.

Calcinação de ovo
num ronco atlântico,
o vento soletra,
rajada a rajada,
as sílabas da memória
transmutada
em solidão insular.



12.

É a ponte
que nos sentamos
tristes do entardecer.

Junto a nós, cativos,
tombam as pombas
ungidas da murta e da romã.

Longínquo, um perfume de chipre
gorgolha nas águas
a espuma vaga do querer.

Da cintura, afivelado,
pende um cisne a anoitecer.





13.

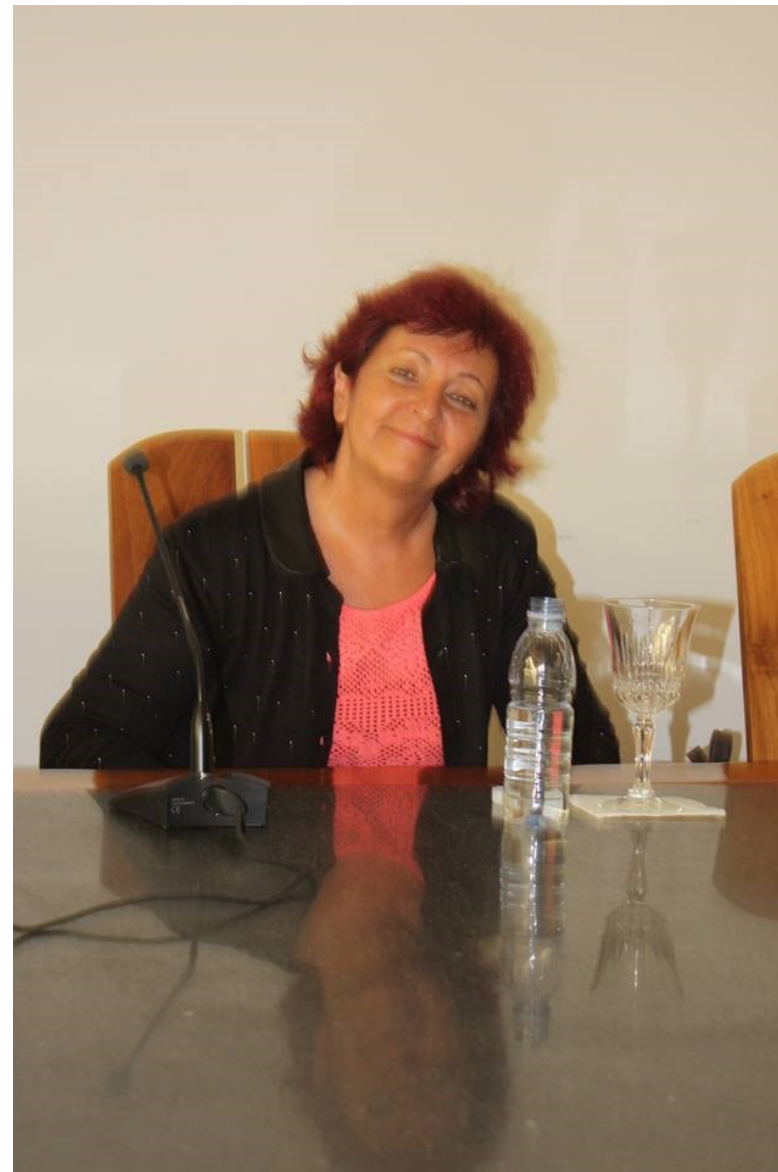
Horas mansas
como pombas aninhadas nos beirais.
Alarga-se a noite em lonjura,
Buscando os mundos acesos
No outro lado do mar.
Mas é aqui o pulsar original.
Aqui se aquieta o Tempo
E a madrugada é a sílaba mais perfeita
Do silêncio.





14. XIV

Que é das manhãs abertas sobre abril,
amanhecidas por um país em sol de searas?
Que é dos olhos rubros de cravos,
Empunhados como bandeiras de futuro?
Que é do poema, do canto,
Da voz que se erguia da rua em povo?
Que é da alegria feita urgência
De haver um país a haver mais à frente?
Que é do amigo, do companheiro, do camarada
Inscritos na flor do peito em liberdade?
Que é de sermos a mão e o sonho,
O braço e o abraço,
A garganta e a voz?
Que é de abril?
Que é de nós?



15.

Nunca nos dareis
Labirinto que baste!

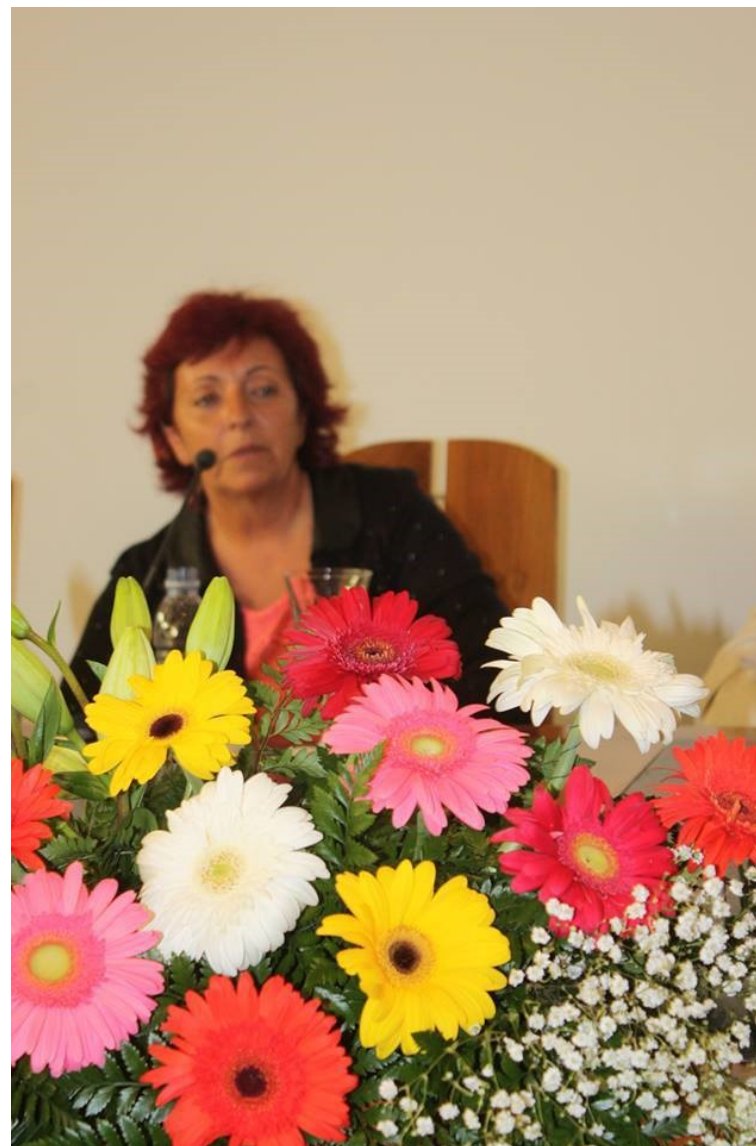
Do mel e das penas
Resta mais do que a asa:

Resta o cristal das noites
Em que, derreados de sol,
Nos fazemos de novo ao mar
Como deuses reinventados.

16.

Se me amanheço manhã,
Ou queria dizer sol, seara, sorriso,
Logo me contenho
Ou então me contradigo,
Que há um rumor de choro
Nas palavras com que digo.

Se me ergo em beirais,
Ou queria dizer vida, vento, voo,
Logo me recolho
Ou então me penalizo,
Que há um pudor de luto
Nas palavras com que digo.
Se me alcanço em futuro,
Ou queria dizer peito, pátria, povo,
Logo me estremeço
Ou então me silencio,
Que há um ronco de breu
Nas palavras com que digo.



17.

Gota de silêncio,
o orvalho busca as madrugadas
nos olhos de setembro.
As aves partiram,
cobrindo de penas a melancolia,
e o mar alonga-se
neste marulho de ausência
que se faz já tempo
de esquecimento.

Que é de ti,
que não te vejo já
nas marés-altas da noite,
nem me chegas no adejar das criptomérias?

18.

Em 26.03.2012, a propósito das romarias quaresmais em S. Miguel e das suas (prováveis) origens, após leitura do «Romance de Vila Franca», versão de Gaspar Frutuoso.

Vila Franca do Campo
Aos 21 dias do mês de outubro, do Ano da Graça de 1522

Anoitece. A silhueta do ilhéu recorta-se sobre um resto de azul áureo que o sol foi deixando na retirada.

Para oriente, despontam já estrelas no negro aveludado do céu. Um bulício de gente e de carga sobe do porto, evolui ao ritmo manso do fumo nas chaminés. As naus aprontam a largada iminente para o reino. Levam algumas almas cansadas destas solidões atlânticas e levam a loiça que o barro deu nas mãos dos homens. Levam notícias a el-rei. E coisas de maior valia: o trigo da terra (que as praças do império vão comendo o mundo de oriente a ocidente), a doçura de alguns canaviais, o pastel e a urzela, com que a Flandres há de pôr cor nas roupas, e rostos, bichos e flores nas telas.

Rumo a uma árvore indeterminada, um melro-negro retardatário sobressalta, por instantes, o ar sereno desta quarta-feira sem pinga de outono. Um arrepio na pele das gentes, um aperto na alma das gentes, que pássaro à noite é coisa de mau agoiro. Abrenúncio! Sagre-nos Deus com a Sua bênção! Há lá mácula no manso respirar deste pedaço de mundo? Há lá mácula neste manso respirar...

E a noite vem, definitivamente, branda e silenciosa, irmanar as gentes no sono, no repouso dos corpos moídos de ilha e de labuta. Nos sonhos. Haverá sonhos? Que sonhos se podem sonhar neste começo de tudo?

E eis que, da madrugada ainda agora chegada, irrompe, súbito e tremendo, um ronco de entranhas, de pedra negra, como se o ventre da terra conjurasse todos os urros, todas as rouquidões do mundo, e ali mesmo os despejasse. Breu e terror. A brutal convulsão da ilha, o abalo violentíssimo, que tudo desmorona e desventra, os montes que se esboroam, que se precipitam lá de cima e vão engrossando a avalanche de pedras, de terra, de árvores, de casas, de bichos, de corpos. A ilha em direção ao mar, como se de mar em fúria se fizesse e nunca terra firme houvesse sido. Ah, «terra mãe de assombrações»! Ah, terra inquieta nos mistérios com que unges as tuas gentes! Ave, Mãe Nossa!

*Salve, Regina, Mater misericordiae,
Vita, dulcedo, et spes nostra, salve.
Ad te clamamus, exsules filii Hevae,
Ad te suspiramus, gementes et flentes
In hac lacrimarum valle...*

A manhã não consegue silenciar o terror das almas, nem os gritos, nem os urros, nem a dor, nem o desconcerto, nem as preces. A vós suspiramos, // gemendo e chorando, // neste vale de lágrimas... O que os olhos já não veem, a alma ainda ama. A morte é isto. Eia, pois, advogada nossa, // esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei... O céu forrou-se de chumbo e a terra não sossegou. Do ventre ensanguentado da ilha emergem novas convulsões, estremecimentos que se fundem com o tremor dos corpos. Que é de Vila Franca do Campo? Maia e Ponta Garça, que é das gentes? O mundo acabou?

Estamos todos mortos!...

E, no entanto, persiste o terror da alma entoadado na boca, no chumbo destes olhos eternamente lançados ao céu, nestas mãos petrificadas e para sempre postas. Ah, «terra mãe de assombrações, gerando o medo antigo nos nossos corações» ...

Mea culpa, mea culpa... Ó Ilha Mãe, ave, Mãe Nossa! Guardai-nos, Senhora, que a Vós nos encomendamos. Tende piedade de nós!

As naus voltaram. E partiram de novo. Mas não de Vila Franca. Um pouco para oeste, duma ponta mais delgada da ilha, continuaram a seguir notícias para el-rei. E outras coisas de maior valia. Outros outubros sem pinga de outono chegaram e partiram. Outros

roncos, outras convulsões e outras pedras em fogo irromperam da raiz das ilhas. Ter(-te) para (te) perder. A morte é isto.

Nos Açores morre-se mais do que uma vez.

O chumbo dos olhos eternamente lançados ao céu, as mãos petrificadas e para sempre postas, as preces e a culpa de todos nós, carregam-nos grupos de homens, de Romeiros, que, na Quaresma, desde há quase 500 anos, percorrem, a pé, e durante sete dias, as estradas desta Ilha do Arcanjo. O seu roteiro inclui todas as igrejas e ermidas consagradas à Mãe de Deus. Não conhecem estatuto social, estado civil, nem idade. São irmãos. Levam o lenço das nossas mulheres sobre a cabeça e um xaile para se cobrirem, um bordão numa mão e o terço na outra. Às costas, uma pequena saca com o farnel do dia. Dormem onde lhes dão guarida. Rezam, meditam, penitenciam-se pelos pecados de todos nós e louvam a Deus. Desde que o sol raia, até que ele se põe, estejam os elementos no estado que estiverem. E as suas orações, os seus cânticos, são como um choro, um lamento antigo, arrastado há séculos por todos os caminhos da ilha.

Ave, Mãe Nossa, «terra mãe de assombrações»!





19. Pico, a 2 de julho de 2012

O que eu gosto de ilhas!... Ao arrepio de outros ilhéus, queixosos dos achaques da insularidade, tenho um fascínio quase existencial por tudo o que seja pedaço de terra cercado de mar por todos os lados. É verdade que me acontece ser acometida dessa nostalgia, vagamente atávica, de terra adentro, mas quando me ponho a cismar nisto, ocorre-me que dos pedaços de mundo que fui viajando raros foram os que não incluíram anexos insulares, independentemente do seu tamanho e lonjura.

O que se torna mais curioso, contudo, é a quantidade dos que aconteceram com a mesma casualidade de quem esbarra num conterrâneo em terra alheia. Foi assim no grande terreiro lusófono, do outro lado do mar, onde uma visita a Angra dos Reis havia de acabar numa barca rumo à Ilha Grande, coisa de que nunca antes ouvira falar. No oeste

irlandês, dei comigo, gelada até à alma, a largar da mítica Galway Bay para Inishman, a maior das ilhas Aran. O mesmo aconteceu em Dubrovnik, onde uma conversa simpática na Baía de Gruž se transformou num delicioso passeio até à ilha de Lokrum. Em Veneza, com os olhos tão cheios de São Marcos que já pesavam, encaminharam-se-me os passos até junto do hotel Danieli, onde um quiosque improvisado vendia bilhetes para o trio Burano, Murano e Torcello. Irrecusável... E na Galiza, onde, uma vez emaranhada em Vigo, nunca atino com os caminhos de volta, aconteceu ver-me no cais de embarque para as ilhas Cies, para onde larguei, desacompanhada, deixando atrás uns quantos protestos e um bonito ramalhete de amuados.

De tudo isto, talvez para não escorregar em filosofias mais intrincadas, gosto de pensar que, simplesmente, as ilhas acontecem-me. Mesmo quando não as busco, encontro-as. Ou são elas que me encontram... Uma coisa ou outra. Não me parece relevante.

Também gosto de pensar que às ilhas, e das ilhas, só se chega verdadeiramente, e só se parte, por mar. O avião, despudorado prestidigitador, atrapalha os ritmos, entorpece os sentidos, confunde tudo. Ainda mal se partiu, já se está a chegar. Aldraba-se na distância, devora-se o tempo, enxovalha-se essa digna solidão de esfinge que é a natureza própria da ilha. E não se chega a conceder ao peito a ânsia de horizonte e o alvoroço do avistamento apaziguados na mais completa emoção, nesse processo lento dos sentidos (e da memória) que é ver a ilha ir-se instalando cá dentro. Por isso, hoje meti-me num barco e fui para o mar. Fui ver as baleias, mas fui, sobretudo, tentar lavar dos sentidos o avião que me trouxe, refazer a chegada à ilha e, talvez, recuperar a mansidão dos (re)encontros marítimos, (re)ajustar o relógio ao compasso certo das coisas.

Cheguei há pouco.

E agora que estou aqui, sentada no sopé da Montanha, fixa no dorso comprido e pintalgado de São Jorge, o Faial mesmo no canto do olho, sinto que há coisas que não devem ser explicadas. Talvez por demasiado óbvias. Talvez porque não tenham explicação. Como este sentimento de profunda e abençoada pertença, esta paz que vem do princípio do tempo e que tudo harmoniza e apazigua em mim.

Como se o mundo todo estivesse aqui, completo e explicado.



20. Na madrugada de 31 de dezembro de 2012

O último dia deste 2012 de tanto desconcerto começou há cerca de 20 minutos. Há outros tantos, como em tantas outras noites, percorri o asfalto lúcido e meloso que me traz do aeroporto a casa. Não havia estrelas no céu e a nossa proverbial humidade estava quase nos 100%.

Na Antena 1, João Villaret falava o fado. Esse fado que ouço desde os primeiros tempos de televisão nos Açores, quando, adolescente, à noite e a preto e branco, me sentava com o meu pai a ouvir esse e outros poemas ditos pela voz nasalada e arrastada do ator. "Quadrilha", de Drumond de Andrade; "Cântico Negro", de José Régio; "Amar ou Odiar", de Fausto Teixeira; "Liberdade", de Pessoa... Estes, sobretudo, os que me ficaram para sempre no ouvido e que sou, ainda, capaz de dizer de cor.

A esta distância, não sei (ou não importa) dizer porquê esses e não outros. Mas sei que, para lá do sentido das palavras ou dos motivos que me levavam, então, a dar-lhes preferência, eles têm esse outro e inalienável sentido que é o sentido que a minha vida faz.

Por isso, neste dia em que, uma vez mais, a imagem de Sísifo, tão recorrente nos meus humores de fim d'ano, se cola aos sentidos e ameaça amargar o olhar que ponho nas coisas, vou fixar o cume já próximo e agradecer. E vou recomeçar a subida acreditando que podem vender, privatizar, concessionar, taxar e cotar o que bem lhes apetece porque o que vivi e o que me faz não lhes está ao alcance.

2013 será apenas mais uma nova subida à montanha. Que valha aquilo que somos e o que formos colhendo pelo caminho.

Saúde e coragem para todos e todas.

Tchim-tchim!

21. Ponta Delgada, em 29 de janeiro de 2013

Chego à porta de casa quase sem dar por isso. Há uns minutos largos que venho em modo de intermitência, os sentidos dispersos pelos desenhos da calçada (parecem fractais, um amigo notou uma vez), onde o branco exógeno não consegue derivar-me do brilho noturno do basalto, soturno e original.

Em noites destas, quando o silêncio atlântico e a mansidão dos candeeiros salgam as ruas de sentimentos ocidentais, é como se caminhasse por dentro de mim e a cidade fosse o corpo que me dá forma. Talvez por isso, acontece deixar os passos seguirem na semiconsciência desse tal "desejo absurdo de sofrer".

Há, no lado sul da Matriz, um pórtico manuelino que fica iluminado à noite como um barco no mar. Tenho fascínio pelos seus relevos em luz e sombra, amarras da memória à água da infância: a voz de meu pai curvada sobre a máquina de onde havíamos de sair, os quatro, a preto e branco e quase microscópicos. Sei dos risos, mas nunca lhes recupero o tom, que há este húmus de anos, longo, denso, implacável, a impedir-me o ouvido.

E no entanto, do outro lado, ouço ainda o retinir do 2º toque nos corredores do Liceu explodir em gritaria pela António José d'Almeida abaixo. Socas a espreitarem das bocas de sino, um trote pelo empedrado e os rituais libertários do "feriado": a irreverência dos dedos apontados à famosa gárgula ("a vergonha da Matriz"), o despique com o papagaio na varanda por cima da ourivesaria Corrêa Picanço...

Retomo a calçada onde ecoam aqui eferreás, ali reflexos cintilantes de amigos no peito. E sigo os passos que dei contigo no prenúncio de todas as manhãs. Mas é a direção de casa que agora tomo... Mnemosine ainda se deita com Zeus e não se escuta mais do que este rumorejar de tempo. Sempre o som do tempo por dentro das coisas, espriado no mar, infiltrado nas ruas, respirado nesta *maresilha* que nos empapa os sentidos.

Às vezes, agonia-me tanto tempo e tanta vida pelo chão deste basalto...

22. A 5 de março de 2013

Nem um sopro nesta tarde carregada de céus prestes a ceder. Na esplanada de sempre, esquecida das nuvens que trabalham cinzentos nostálgicos na intimidade deste meu adeus a uma longa e acarinhada ligação com Amarante, sinto que me sento à beira-Tâmega como quem se senta à beira-Tempo.

Olho o silêncio impassível dos anos nas pedras e no leito e cismo.

Sei que há nas águas o fascínio irresistível da sua memória intrínseca, o perigo de um enamoramento antigo e talvez fatal, mas abro os sentidos à quase irre realidade que se eleva do reflexo perfeito da cidade no rio e deixo que uma alvorçada inquietação encontre eco nas rochas mudas e arredondadas entre margens, que se alargue à outra banda e siga, serpenteando, o caminho ribeirinho para o Marco; que se agite em socos e vinhedos e que vá sempre, no encaço de um país de cidades e de serras, de rouxinóis e de

mostrengos, de baltazares e de blimundas... De um país que povoa, intacto, a habitação dos génios.

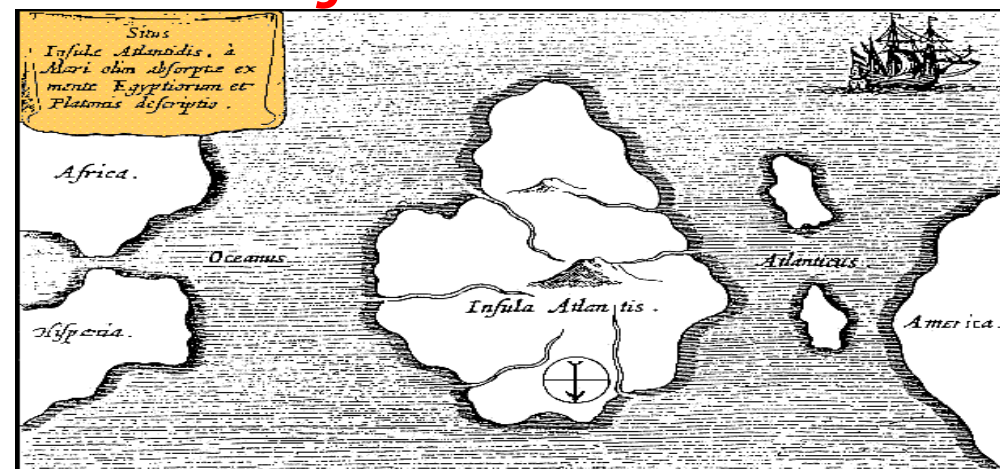
Olho o silêncio impassível dos anos nas pedras e no leito e cismo.

Sei onde estão guardadas todas as sete-luas e todos os sete-sóis que iluminam a vida, sei onde existe um Portugal que resgata do medo e se olha no rio e ama o que vê, imune aos olhos vazios e secos de Tirésias.

Digam eles o que disserem...



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº # 29 - EDIÇÃO setembro 2015

DEDICADO A BRITES ARAÚJO

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número, Fotos © Chrys Chrystello 2014

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
– revisto em **outubro de 18**